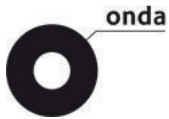


Ficha artística

direcção artística Faustin Linyekula
direcção musical Flamme Kapaya
músicos Flamme Kapaya, Patou « Tempête » Kayembe, Pansas, Lecoq, Rémi Bassinta Nightness
intérpretes Dinozord, Papy Ebotani, Faustin Linyekula
figurinos Xuly Bët, Paris
textos Antoine Vumilia Muhindo
direcção técnica Antoine Tokanwa
administração Virginie Dupray
assistentes de administração Jean-Louis Mwandika, Eddy Mbalanga
produção Studios Kabako
co-produção KVS Theater (Bruxelas), KunstenFestivaldesarts (Bruxelas), Festival d'Automne (Paris), Maison des Arts de Créteil.
apoios Theaterformen (Hannover), Tanz im August (Berlin)
os Studios Kabako são financiados pela DRAC Ile-de-France / Ministère de la Culture et de la Communication.

apresentação em Lisboa apoiada pela



.....
a seguir...

teatro

João Garcia Miguel O banqueiro anarquista

Teatro Maria Matos – sala principal com bancada

quinta 10 a terça 15 Dezembro 21h30

À mesa de um restaurante dois amigos debatem a situação social de um deles que diz paradoxalmente que se tornou banqueiro por que é anarquista politicamente. O desenrolar da história tem muitas semelhanças e reverberações com os reality shows actuais ou os programas confessionais onde se tece a biografia pessoal em termos mais ou menos fantasiosos.

.....

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, n.º 52

1700-213 Lisboa

Telefone: 218 438 800

www.teatromariamatos.pt



Faustin Linyekula

more more more...
future

sala principal com bancada

sexta 27 sábado 28 Novembro 09 21h30

more more more... future

"A dança congoleza é um exercício carnal. Contra ideologias platónicas que poderiam definir o corpo como a prisão da alma, aqui dançar é a celebração da festa. O corpo é um fluxo absoluto e a música é investida de poder para entrar no fluxo, penetrando-o até ao seu âmago. A música produz efeitos psíquicos, somáticos e emocionais nos órgãos e membros, sujeitando-os à regra do desperdício. A música 'parte ossos' (buka mikuwa) e 'agita corpos' (bwakanka nzoto), fazendo com que mulheres e homens 'se comportem como cobras' (na zali ko bina lokolo nioka). O corpo não é tão 'magoado' porque se torna um local de transgressão, um local de ofuscação – entre o transcendental e o empírico, o material e o psíquico.

Em adição ao existente como fluxo, o corpo é também um corpo de forças de contrastes. A música envolve-se numa luta com estas forças. Nunca é simplesmente o movimento da forma humana, a dança Congoleza representa algo que lembra a procura pela vida original, pela génese perpétua e, através disto, a procura por um ideal de felicidade e serenidade."

Variations on the Beautiful in the Congolese World of Sound, Achille Mbembe

O ndombolo continua a perseguir as minhas criações ao longo dos anos... Filha bastarda da rumba, dos ritmos tradicionais, das fanfarras nos domingos na igreja e do funk da Sex Machine, marcada pelas cervejarias locais (esse cantor será Primus, será Skol ou não será nada), a pop congoleza deriva destes tesouros de energia em pedaços sem fim. O concerto está marcado para as 21h, mas não venham antes da meia-noite e estejam preparados para ficar até de madrugada... quando os transportes retomam na Kin que dorme. Então, nós ouvimos o som, para além da gordura bem saturada, as músicas que eles sabem de cor, eles bebem cerveja (Primus e Skol, sempre a mesma história...), mastigamos ruidosamente kebabs, nós arrastamos, nós dançamos. Os músicos vão e vêm no palco ou ao lado... e cantar a sua própria glória, o poder, a beleza, as belas mulheres e as belas coisas, roupas de marca, os carros de alta cilindrada.. uma vida perfeita, igual àquelas das séries de TV e dos telediscos norte-americanos de R&B.

Como se tudo fluísse naturalmente da fonte num país onde tudo tem de ser reconstruído todas as manhãs... Porque não utilizar a extraordinária energia das guitarras e das vozes da ndombolo, não para espalhar sonhos tão leves como os lenços de papel que se vendem nas ruas de Kinshasa, mas para falar da vida real com as suas dificuldades, os impasses e os erros. Penso na energia do movimento punk na Europa e nos Estados Unidos e como os jovens se apropriaram da música para decretar o fim do futuro. Aqui, no Congo, é difícil recusar um futuro que nunca

tivemos, de destruir ainda mais o nosso monte de ruínas... apenas sonhar com os pés bem assentes na terra que se possa construir, em cima das ruínas, um pouco mais de futuro...

Faustin Linyekula

Bailarino e coreógrafo. Vive e trabalha em Kisangani (República Democrática do Congo). Após a sua formação em Literatura e Teatro em Kisangani, instala-se em Nairobi em 1993, e em 1997 é co-fundador, com o artista mimo Opiyo Okach, da primeira companhia de dança contemporânea do Quénia, a companhia Gàara. De volta a Kinshasa, em 2001, cria o Studios Kabako, estrutura que se dedica à investigação e criação na área da dança e do teatro visual. Memória, esquecimento e supressão da memória – no seu trabalho, Faustin aborda o legado de décadas de guerra, terror, medo e o colapso da economia. Com base na história recente do Congo, cria Le Festival des Mensonges (2005-06). Em 2007, cria The Dialogue Series: iii. Dinozord que conta a história de um regresso ao país: o que aconteceu à cidade após vários anos de guerra? Após anos de distância, onde estão os amigos que sonharam em tempos mudar a literatura e o teatro africano? Em 2007, Faustin recebe o Prémio do Prince Claus Fund para a cultura e desenvolvimento. Em 2007-2008, Faustin foi encenado por La Fratrie errante, com um texto de Marie-Louise Bibish Mumbu. Em 2009, introduziu a sua própria versão de Jean Racine Bérénice comissariado pela Comédie-Française e o Gennevilliers Theater/Paris. Desde 2006, que mudou a sua actividade para Kisangani onde trabalha na criação e desenvolvimento de uma rede de centros culturais nos diversos bairros da cidade, em torno de processos artísticos relacionados com as artes do espectáculo e do audiovisual.

Flamme Kapaya

Reconhecido no Congo como um dos melhores solistas de guitarra da sua geração, Flamme Kapaya vive e trabalha entre Paris e Kinshasa. Autodidacta, inspira-se em vários géneros musicais, ouvindo não só os mestres do jazz, incluindo George Benson, mas também música clássica e latina. Em 1997, entra para o mítico grupo de ndombolo, Maison Mère, acompanhado pela cantora congoleza Werrason. Trabalha com eles durante 10 anos, tendo participado em várias tournées internacionais. Em 2007, conhece Faustin, acompanhando as suas apresentações da criação Le Festival des Mensonges. Em 2008, junta-se a Faustin para duas apresentações em Berlim, dentro das comemorações do 20º aniversário do Tanz im August Festival, Future?. Como artista independente, Flamme está agora a trabalhar num álbum a solo. Em Novembro 2009, lançou o seu primeiro single Surprise.